

Capitalismo brasileiro, enfim a paz! com Maria A. Moraes

O trabalhador rural paulista e a produção do ser social.

Entrevistadores IBEC¹
Apresentação | Aline Marcondes Miglioli

174

Na presente edição da **Revista Fim do Mundo**, nossa entrevistada é a Professora Maria Aparecida de Moraes Silva, uma destacada acadêmica que obteve sua graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, no período compreendido entre 1964 e 1968. Mesmo durante o trágico contexto ditatorial que marcou esse período, a Professora Maria Aparecida manteve-se imersa na rica experiência de conviver com renomados intérpretes do Brasil, destacando-se sua mestra e, posteriormente, colega, Heleieth Saffioti.



Posteriormente, conduziu seus estudos de mestrado e doutorado em *Sociologie Du Développement Iedes* na Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne), concluindo-os em 1978 e 1980, respectivamente. Após retornar ao Brasil, dedicou-se ao ensino e alcançou a posição de professora livre-docente na Unesp em 1997. Atualmente, em 2023, integra o corpo

¹ Entrevista realizada de forma virtual via aplicativo *Google Meeting* com a presença dos pesquisadores do IBEC: Zuleica Maciel Vicente (Campinas), Adilson Marques Gennari (Recife), Paulo Alves de Lima Filho - PALF (São Paulo).



permanente de professores no curso de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

Ao longo de sua trajetória acadêmica, dedicou-se de maneira significativa à importante missão de compreender, analisar e divulgar as condições de vida e trabalho dos trabalhadores rurais em canaviais, cafezais e laranjais. Do seu extenso estudo, destacam-se duas obras relevantes: "Errantes do Fim do Século" (1999), que aborda o surgimento e posterior desaparecimento da categoria de trabalho denominada "bóia-fria" no mundo rural brasileiro, e "A luta pela terra" (2004), onde resgata o movimento de luta pela terra, suas raízes históricas e a realidade dos "sem terra", analisando politicamente a questão agrária brasileira. Ambas as obras, apesar de terem sido publicadas há algum tempo, continuam pertinentes no contexto do capitalismo brasileiro, oferecendo reflexões sobre classe, gênero, raça-etnia, migração, memória e resistência, abordando temas como agricultura, capitalismo, exploração e modernização do trabalho agrícola.

Ao longo de sua vasta obra, a Professora Maria Morais expressa uma constante preocupação com o resgate da memória daqueles que são frequentemente esquecidos pela narrativa histórica do capitalismo. Esse empenho resultou no notável documentário "As Andorinhas. Nem lá, Nem cá" (disponível no YouTube, no canal do grupo TRAMA UFSCar), que aborda a situação social dos camponeses migrantes do Vale do Jequitinhonha (MG) para Ribeirão Preto (SP) para o trabalho na colheita de cana. Essa história não apenas representa as vivências pessoais de centenas de migrantes forçados, mas também constitui parte da história do capitalismo brasileiro. Desde 2020, a professora tem dedicado esforços à criação de um repositório digital que preserva a memória dos trabalhadores rurais.

Nesta entrevista, a Professora Maria Morais compartilha conosco sua escolha por trabalhar com a temática dos trabalhadores rurais, destacando a relevância do tema para a compreensão do capitalismo brasileiro e evidenciando o apagamento dessa parcela da classe trabalhadora. Por fim, permite-nos refletir sobre a Universidade Pública e o papel da Sociologia diante das transformações contemporâneas no cenário global.

Boa leitura!



Bom dia, eu sou a Professora Maria Aparecida Moraes Silva. Eu sou socióloga, professora aposentada da UNESP de Araraquara, sou livre docente pela UNESP e atualmente faço parte do corpo permanente de Professores do curso de pós-graduação em Sociologia da UFSCar.

[PALF] Por que estudar os trabalhadores rurais?

A respeito da escolha do tema dos Trabalhadores Rurais, eu vou lembrar aqui uma frase bastante repetida pela professora Heleieth Saffioti. Ela sempre dizia o seguinte: que não somos nós que escolhemos o objeto, mas é o objeto que nos escolhe. Eu posso dizer que, na verdade, são as duas coisas. Tanto nós escolhemos o objeto, como o objeto nos escolhe. Logo, a partir daí eu posso me remeter à minha própria história de vida, minha trajetória. Eu sou filha de sitiantes, sitiantes do mundo rural caipira do interior do estado de São Paulo. O tema rural, o tema da ruralidade, o tema dos trabalhadores, dos camponeses não é um tema que me é somente próximo. Mas é um tema que faz parte da minha própria constituição enquanto ser social. É um tema que me é intrínseco e não situado na exterioridade. Eu nasci na roça, eu sou da roça, eu sou caipira, e eu trago dentro de mim essa marca, esse marcador do mundo rural. Pesquisar a temática dos Trabalhadores Rurais é mais ou menos seguir uma intuição e também seguir trilhando a minha própria trajetória.

Eu tive a oportunidade de desenvolver esse tema desde os anos de 1970. Metade dos anos 70, quando eu fui para a França, e lá eu pude fazer o mestrado e o doutorado e, naquele momento, já pude também ir acompanhando as transformações do mundo rural paulista, principalmente, caracterizadas pela passagem do colono para o boia-fria. Essa foi a minha tese, naquele momento. E também, as mudanças ocorridas em relação aos produtos, as plantações. Pouco a pouco, os cafezais foram cedendo lugar aos canaviais e, nesse sentido, o estado de São Paulo foi, paulatinamente, transformando-se num grande canavial como é até hoje. Logo, seguir essa caminhada, seguir essa trajetória dos trabalhadores rurais e das transformações desse mundo rural seguem, portanto, sendo os meus temas de pesquisa até hoje.



[PALF] Mas, essa empatia, ela surge por algum motivo. Algumas fibras do teu ser, do teu intelecto no caso, foram tocadas por esta realidade?

Sem dúvida! Eu fiz o curso de Ciências Sociais na UNESP de Araraquara, e fui formada pela professora Heleieth Saffioti. Heleieth Saffioti, todos vocês sabem muito bem, era uma marxista, e é claro que todos nós que fomos seus alunos tivemos essa orientação. A minha formação enquanto Socióloga tem esse ingrediente, que é o ingrediente do Marxismo.

Na sequência, quando eu fui para França para fazer mestrado e doutorado, a escolha incidiu sobre a temática dos Trabalhadores Rurais. Eu levei comigo esse insight, entende. Eu não poderia, por exemplo, estudar a ditadura militar, que estava acontecendo aqui no Brasil naquele momento, o que era algo que não passava pela minha cabeça de forma alguma. Assim, o tema e a escolha do tema, tem sim a ver com esse processo de socialização/formação e que faz parte de mim até hoje.

[PALF] Agora, um ponto a mais. Qual é para você a importância desse tema no Brasil?

Eu penso que o tema, ele está no esquecimento cada vez mais. Hoje você fala em agronegócio, você fala em agricultura 4.0, você fala em desenvolvimento tecnológico, você fala em desenvolvimento das Tecnologias de Informação (Tis) aplicadas na agricultura, em digitalização da agricultura. Enfim, você fala em tudo isso, mas você não fala do trabalhador rural. Aliás, o trabalhador rural hoje, ele saiu da agenda. Ele não faz mais parte da agenda, e eu estou falando do meu lugar que é o da Sociologia. Logo, mesmo nos eventos de Sociologia Rural, vê-se muito pouco a discussão acerca do trabalhador rural. Assim, há uma invisibilidade e também uma negação desses trabalhadores, dessas trabalhadoras aqui no Brasil. Quer dizer, tudo se faz como se essa categoria de trabalhadores não existisse. Eu trabalho, inclusive, com a ideia de um memoricídio, levando-se em conta, sobretudo, o caso de São Paulo. Por que, praticamente, o trabalhador cortador de cana, aquele que tinha uma expressividade maior até os anos de 1980, ele praticamente desapareceu. Hoje nós temos no estado de São Paulo quase 100% da cana sendo cortada por máquinas; além da diáspora que houve com o processo de mecanização, nós temos agora esse processo de memoricídio. Quer dizer, memória de trabalhadores que aqui estiveram durante décadas - foram centenas de milhares -, a história oficial apagou. Há um verdadeiro processo de amnésia histórica a respeito dessa categoria de trabalhadores.



[PALF] Mas, como se explica, na academia, [eles terem] desaparecido, ou seja, [que] a invisibilidade, a negação tenham essa predominância?

Paulo, levando-se em conta as Ciências Sociais, a Sociologia que é o meu campo, digamos assim, e eu não estou falando só da Sociologia Rural. Hoje em dia, há uma prevalência das chamadas pautas identitárias. Quer dizer, é isso que você encontra em grande medida. Falar de classe social, falar de trabalho não é mais tão expressivo. E, sobretudo, no caso dos trabalhadores rurais. Esse tema é considerado marginal. Se ele teve uma expressividade até a década de 1980, principalmente, em função das greves, dos protestos, a partir de então, ele praticamente desapareceu. E eu vejo que a academia hoje, e pensando sobretudo na produção científica, ela está muito mais voltada para as questões da sexualidade e também das pautas identitárias. É assim que eu vejo.

[Zuleica] Eu gostaria de colocar uma questão, só para não perder o gancho. A senhora coloca, e é muito importante. E... tem uma discussão sobre o feminismo se entra[mos] nessa questão das pautas de identitárias? Porque eu percebo a mudança na forma como o tema é tratado, como a questão é tratada nesses últimos anos. E hoje, eu entendo essa discussão do feminismo, como está sendo colocada, também como uma pauta identitária, o que faz com que o movimento perca força. E aí, nesse sentido, a senhora colocou que nasceu no campo, que é uma mulher do campo, que preserva as tradições do campo. Eu também sou do campo, mas do outro extremo da questão. Os meus pais, lá na década de 80, começo dos anos 90, eles eram trabalhadores rurais. E aí, eu fico pensando na junção dessa questão, discutir o que é feminismo pensando na divisão do trabalho na lavoura, porque eu vejo... eu vi, desde criança, mulheres e homens entrando nos mesmos caminhões, saindo para trabalhar da mesma forma, e mulheres, inclusive, tendo um rendimento no trabalho superior ao dos homens. Eu penso que essa discussão do feminismo, principalmente agora com a questão de ser associado e ser tratado como uma pauta identitária, ele não contempla essa relação. Porque a relação da mulher no campo ela sempre foi diferente do que a da mulher no meio urbano. Eu gostaria que a senhora comentasse um pouquinho a esse respeito. Como que a senhora observou essa primeira mudança, da pauta ser tratada como uma questão identitária? E na divisão do trabalho rural, porque as mulheres, elas têm igualdade em quase todos os sentidos.



Olha Zuleica, eu vejo assim... quando você fala da pauta identitária, às vezes você corre o risco de cair numa armadilha, numa cilada, porque você perde o universal. É como se não pudesse falar do universal. Você tem que falar do particular. Isso já é um complicador. E o que nós estamos vendo é isso que está acontecendo.

Agora, quando você fala do feminismo e aí, mais uma vez, me remetendo a professora Heleieth Saffioti, eu vejo, do ponto de vista teórico/metodológico, uma questão fundamental que é a interseccionalidade. Por exemplo, eu vejo o indivíduo como classe, como gênero, como raça-etnia, e, assim por diante. Eu não vejo somente como classe social, eu não vejo somente como gênero e também não vejo como raça ou etnia, ou raça-etnia. E vejo esse indivíduo exatamente nesse cruzamento. Todos os indivíduos são portadores de várias identidades. Não há uma identidade única.

Nesse sentido, por exemplo, toda a minha formação, todos os meus estudos, todos as minhas pesquisas, elas levaram em conta exatamente isso. Não era exatamente para destacar a mulher, e analisá-la somente do ponto de vista do gênero, mas enxergar essa mulher enquanto trabalhadora, enquanto mulher, e também, quanto negra. Porque, geralmente, essas mulheres cortadoras de cana, trabalhadoras rurais, eram mulheres migrantes ou do Nordeste ou do Vale do Jequitinhonha. Eu vejo que essa é uma postura metodológica que se distingue do que nós vemos hoje, porque aí você tem uma ênfase no particular. E se você não está ali naquele particular, você é considerado, muitas vezes, o outro, o opositor.

Algo que me incomoda muito é, em muitas ocasiões, e aí eu chamo a atenção inclusive dos meus estudantes acerca do chamado lugar de fala. Por exemplo: eu sou negra, eu sou pobre, eu sou quilombola, eu sou não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê... A pessoa vai falar dos quilombolas, das quilombolas, das mulheres dos movimentos sociais etc. Então eu estou falando do meu lugar de fala. Aí eu vou na sequência e vou falar: olha, eu sou branca, eu sou de classe média, eu sou professora. Eu não sou boia fria, eu não sou negra. Eu já começo assim. Porque isso é uma verdadeira heresia muitas vezes. Eu, como branca, classe média, eu não posso falar dos trabalhadores rurais, ou das trabalhadoras rurais? Será que eu não sinto o que é aquele trabalho? O que é a dureza daquele trabalho? Será que eu não pertencço à comunidade de destino daquelas pessoas? É claro que eu não sou aquelas pessoas, eu sou eu. Eu não quero perder a minha cara. Essa é a minha cara. Eu não vou lá para mascarar ou para iludir as pessoas. Ah, eu sou



negra! Não, não sou, mas eu pertenço à comunidade de destino deles e delas. Isso está em todo meu histórico. Eu defendo a somatória, a junção e não a divisão/separação/oposição.

Na semana passada, eu estava num evento em Guariba. Passei o sábado todo lá. Levantei-me às 5 horas da manhã e cheguei em casa às 6 da tarde. Então, para quê? Para discutir uma questão que é extremamente importante, porque o ano que vem comemoram-se os 40 anos da greve de Guariba². Se eu não tivesse nada a ver com essa realidade, do ponto de vista de uma práxis, eu não iria. Estava presente e pude dar a minha contribuição. A questão das pautas identitárias, não que não sejam importantes, elas são importantes. Mas, muitas vezes, você corre esse risco. Corre o risco de ficar na sua gaveta, e aquilo que não está na sua gaveta é um opositor ou uma opositora a você. É a mesma coisa em relação ao gênero, à violência de gênero. Será que nós, enquanto mulheres, não podemos ter os homens do nosso lado? Não? Não pode? Quer dizer que todos os homens são violentos, não quero saber de homem. É assim? Eu penso que, em termos de luta política, nós não vamos chegar a lugar algum, entende? Porque é o mesmo do mesmo. E esse essencialismo, ele é falso, ele é muito falso. É assim que eu vejo. Além de ser um prato cheio para o capital, que se apropria dessas divisões, transformadas em oposição.

|Zuleica| Então, e aí é como se quando a gente pensa em lugar de fala, eu sou muito crítica a essa expressão, também porque é como se, por exemplo, o trabalhador rural tivesse lugar de fala garantido, entende? E aí você acaba com a discussão, porque você destrói primeiro a ideia de campo, não é? Porque se eu sou branca, professora, classe média, eu não posso falar de pobreza? Então o pobre vai ter sua voz ouvida? Então é uma questão, é uma forma muito inteligente da direita, da ultradireita de se apropriar das pautas que são sociais, para levar a discussão para um campo que é deles. E a gente não consegue brigar aí. Eu tenho outra questão: professora, aqui no Brasil, até 2018, de forma mais efetiva, quando a gente pensa no campo e nas pessoas que permanecem no campo, porque a gente tem o problema dos filhos dos trabalhadores que frequentam as escolas tradicionais, escolas estaduais, e aí eles abandonam o campo. Acaba tendo esse movimento migratório para

² Seminário: Lutas canavieiras. Caminhos para reparação e responsabilização das violências dos direitos. Realizado na cidade de Guariba em 28/10/2023. Organizado pela Comissão da Verdade camponesa. Missão Paz, CERES, ABRA, CEM, SPM, PROEC, UNICAMP.



ocupações que são da cidade. Até 2018/19 a gente tinha um programa importante que era o PRONERA. Algumas comunidades rurais tinham um método de ensino diferente, que contemplava um período na escola e um período no campo, [e outro] de volta à comunidade. Infelizmente, esse programa, ele foi extinto no ano de 2020. Então, a gente não tem mais isso. E aí, eu sou professora, faço doutorado em educação, então essa questão da educação é muito importante para mim. Eu acho que a permanência da pessoa no campo, ela passa por isso, ela passa pela noção de pertencimento àquela terra. Enfim, eu queria ouvir a senhora a respeito disso.

Então, eu acho que o fato de você não ter mais o PRONERA, de você não ter mais esse apoio, já é uma estratégia. Porque se você não tem a continuidade do camponês, ele, quando os pais morrerem, esses filhos não voltarão mais para a terra. Então, é uma forma, é uma estratégia do Capital, sem dúvida alguma.

É no sentido de cada vez mais permitir esse processo de concentração da terra nas mãos de poucos, e eliminar os pequenos produtores e o campesinato, de uma forma geral. E para mim, é uma estratégia, entende?

O fato dessa ausência do PRONERA, da ausência dessas políticas públicas, eu vejo assim, como uma estratégia política do Estado no sentido de minar a continuidade dessa forma, dessa outra forma de organização social. Porque, veja bem, é o que você falou, a permanência na terra implica também na construção de uma experiência laboral.

Quer dizer, não é só você chegar lá e, que maravilha, gosto do campo. Não. Não é nada disso! Para lidar com tudo aquilo você tem que ter um conhecimento, você tem que ter um saber. E aquilo, geralmente, é transmitido através da educação, e também através dos pais. Quer dizer, a própria comunidade transmite aos seus filhos como lidar com a terra, como fazer, e assim por diante.

Então eu acho que, na medida em que, você tem essa política, é uma política de esvaziamento, mas [é] não só esse esvaziamento demográfico, mas é uma política de esvaziamento da propriedade camponesa mesmo, certo? Quer dizer, então, nesse sentido, cada vez mais você vai minando essas possibilidades de reprodução social. Porque aí é uma questão de reprodução social.



[Adilson] Na verdade, eu fiquei pensando aqui quando a professora falou que... da mecanização no interior de São Paulo. Eu me lembrei que eu participei desde os anos 80, anos 90, anos 2000 - de algum modo eu estava na economia, no Departamento de Economia, quando eu entrei – [então se] estudava interiorização do desenvolvimento de São Paulo e a Sociologia estudava, [porém] começou a cada vez mais estudar a questão do trabalhador rural, do boia-fria, o trabalhador que ia lá cortar a cana, etc. e tal. Eu acho interessante como que os objetos eles tendem a desaparecer e como nós da Universidade não temos noção, eu só vejo isso agora, 40 anos depois. Como nós interferimos nessa realidade? Porque eu participei de vários debates, apesar de ser da economia, como [então] o campo era efervescente e a sociologia [era] muito crítica, é... muito produtiva, eu participei de muitos debates sobre isso. Com vários professores e professoras da sociologia, além de estar também a Maria Orlanda, a professora Maria Morais, enfim, outras também tão importantes quanto. E aí, eu acho interessante isso, por quê? Porque eu vejo, estou vendo também numa perspectiva de que o Brasil é um grande continente. Enquanto você tem o desenvolvimento capitalista mais de ponta em São Paulo, no interior, ou seja, o objeto que eu trabalhava no departamento de Economia desapareceu. O desenvolvimento da interiorização já interiorizou, os cortadores já foram mecanizados, ou seja, os objetos mudam. Agora... pensando numa perspectiva regional, eu vejo aqui por exemplo, no Nordeste e, principalmente em Pernambuco, o debate é muito intenso sobre agroecologia e sobre agricultura familiar, não é? É muito intenso. Não sei como é isso em São Paulo, mas de qualquer maneira, as pessoas comem a comida que vem da agroecologia. Existem, inclusive, departamentos de Agroecologia, de Sociologia Rural. Tem uma universidade, que chama Universidade Federal Rural de Pernambuco, quer dizer, tem uma universidade inteira sobre a questão rural e ela é gigantesca. Eu fui lá algumas vezes, e apesar de não ser... eu sou [também] doutor em Sociologia, então acabo fazendo essa interface. A minha questão é a seguinte: [sobre] esta questão da agroecologia... Eu tenho três questões, na verdade. Uma é essa: a questão da agroecologia e da agricultura familiar, como que ela se coloca nesses polos mais desenvolvidos do capitalismo brasileiro, que é São Paulo. Porque vocês estão aí no coração [da questão] em São Carlos, no interior de São Paulo? E outra coisa é a seguinte: existe uma questão mais antiga, é uma questão clássica antiga, teórica, no campo da Sociologia, da Política, da Filosofia e da esquerda marxista, sobre a existência ou não



da figura do camponês. Tem gente que acha que o camponês não existe e nunca existiu, só operários. E tem outras que não, que acham que o camponês existe, por isso que existe o MST, - que não por acaso é o maior movimento social brasileiro, e talvez latino-americano e quiçá, do mundo. E aí é aonde eu ia chegar, no MST. O MST, aqui por exemplo, mas não só aqui, acho que em todo o Brasil, ele tem aquelas feiras agroecológicas, que está muito conectado com isso, tem os barracões, os mercados, geridos pelo MST, com comida sem agrotóxico. Os agricultores familiares são uma espécie de “conveniadas” disso, porque é parte da forma que o MST atua. Isso é muito forte, inclusive, no movimento, por exemplo, na época da pandemia eu vi aqui que eles distribuíram toneladas de comida, agora eles mandaram comida para a Faixa de Gaza, porque a produção é muito grande, não é? É até estranho falar de fome no Brasil hoje, porque a produção de comida agroecológica é muito grande. É comida barata e boa. Só tem fome porque existem mecanismos de tirar o dinheiro das pessoas, mas aí não é essa questão... Minha questão é a seguinte: aqui no Nordeste, essa questão da agroecologia, da agricultura familiar e do MST é muito presente, muito forte, por quê? Porque não existe essa mecanização no campo, existe um sertão gigantesco, que não é como o de São Paulo. É um sertão pobre, agrícola, com famílias, com agricultura familiar, com aquele negócio de cisterna para ter água. Inclusive, agora, o governo acabou de liberar um dinheiro grande, o Lula, para a governadora de Pernambuco, para destinar [às] cisternas. Então, são milhões de cisternas para acumular água na época da seca, para depois manter a produção e a comida, e inclusive aí junta com quilombola, com indígena. Eu visitei uma tribo de indígenas, os caras são produtores de animais, de bode, né? São produtores agrícolas, não é uma coisa assim... rudimentar. Eles fazem uma produção bastante expressiva, sustentam a família, vendem no mercado, distribuem para o MST. Então, é uma coisa, digamos assim, entre aspas, desenvolvida, não é o desenvolvimento do capitalismo brutal da produção de álcool e açúcar, que é São Paulo. É a produção diferente, de comida, de carne e comida, de vegetais. Essa é a minha questão: como que fica essa contradição regional? O Sul é outro mundo também, é outro universo. A questão agrícola no Sul é outro mundo, [é outra] a questão agrária.

Está perfeito, Adilson. É isso mesmo. Eu imagino que você, praticamente, não fez uma pergunta, você fez um comentário, bastante pertinente, é isso mesmo. E aqui em São Paulo, o que a gente tem são



experiências isoladas de agroecologia. Os assentamentos rurais são geridos pelo MST, eles são assentamentos que desenvolvem essa prática da agroecologia. Nós temos nas regiões de Ribeirão Preto, Araraquara Sertãozinho. Agora, onde esta prática é mais expressiva é no Pontal do Paranapanema. Ali, com o grupo da Geografia do Trabalho, dirigido por vários professores, dentre eles, o professor Antônio Thomás Júnior, é o grupo, eu diria, mais forte. Mais forte em relação à produção agroecológica e também ao movimento de Educação do Campo. Estão lá também o professor Raul, o professor Bernardo Manzano, que é um dos autores da Educação do Campo, e Thomás Junior. A Geografia do Trabalho da Unesp de Presidente Prudente é um polo aglutinador dessas questões, o mais importante, acredito eu.

A agroecologia é tudo isso que você falou. Acontecem as feiras, as feiras em São Paulo, nos municípios que compõem Pontal do Paranapanema, que é uma região bastante grande. Além disso, tem todo o movimento de luta, porque aquelas terras ali, boa parte delas, eram terras devolutas e que foram apropriadas pelos grandes proprietários. O surgimento da reforma agrária, da luta pela terra, dos assentamentos, envolveu exatamente essa disputa. Tanto é que o atual Governador do Estado de São Paulo estava vendendo aquelas terras por um preço mínimo para os grandes proprietários.

Além dessa produção extremamente importante da agroecologia, tudo isso que você falou, tem também mais essa outra questão que é esse enfrentamento quase que constante, permanente, com esses grandes proprietários que, a cada vez mais querem abocanhar essa agricultura camponesa.

Bom, eu não vou entrar no mérito dessa discussão teórica, se é camponês ou se não é, e eles têm ou não uma consciência. Eu acredito que isso, pelo menos para mim, não tem muito sentido. Eles não são operários. E eles têm a posse da terra, eles têm um outro modo de vida, uma outra organização social, uma outra cultura e, conseqüentemente, é isso, é com isso que a gente tem que lidar. Não é simplesmente a partir da nossa cabeça achar que eles têm que ser como operários. Eles são proprietários. Eles têm a terra não só como um elemento econômico, como objeto de produção, não é só isso. Há um elemento cultural, um elemento simbólico muito forte, que, muitas vezes, algumas teorias marxistas esquecem. Tem uma força muito grande que é a força do imaginário, e o imaginário é insurgente. Jogar isso aí para fora é um erro, é um erro político muito grande. Não vejo, de forma



nenhuma, como dizer que eles têm de ser considerados como uma classe trabalhadora, não, não. E mesmo porque, hoje, quem são os operários nesse país? Talvez nós tenhamos aí esse pessoal do iFood, entregadores de alimentos - a uberização - talvez sejam os mais representantes dos nossos trabalhadores urbanos. Eles são trabalhadores.

Quando você falou da universidade, nós temos a Universidade Federal de São Carlos. Há no campus de Araras um grupo de professores que está desenvolvendo essa discussão da agroecologia, inclusive criaram um curso de pós-graduação em agroecologia. Porque até então, em Araras, havia um privilegiamento das pesquisas voltadas ao agronegócio canavieiro. Mas, sem dúvida alguma, o mais forte que nós temos aqui no estado de São Paulo é o grupo de Presidente Prudente, da UNESP de Presidente Prudente, da Geografia, da Geografia Agrária.

[PALF] Bom, deixa agora eu colocar uma pitada ideológica. Eu fiz parte da Comissão de criação da Universidade da Fronteira Sul, que foi uma experiência muito interessante, mas ao mesmo tempo, muito contraditória. Eu vou colocar a questão, depois eu faço uma pergunta para você.

[Adilson] [Em] qual estado e cidade [existe] essa universidade, Paulo?

[PALF] [Em] três estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Foi uma experiência muito interessante e muito contraditória. Eu alertava, no processo do debate que nós fizemos durante a fase final, [durante] um ano e tal. No processo de debates eu dizia o seguinte: olha, temos que ter cuidado com implantação da Universidade, porque a tendência era, para as novas Universidades Federais, serem engolidas pelo “ethos” conservador. Eu lembrava da Federal do ABC que estava sendo fundada, [que] eu acompanhei de muito perto o desenvolvimento ali, através do Professor Sinclair, um grande amigo nosso, um camarada, recentemente falecido. Eu alertava, porque no processo de criação das novas universidades federais, sempre tem uma universidade que a tutela. A tutela sobre essa universidade recaiu sobre a Federal do Paraná. Aí eu descobri que o Paraná não é Brasil ainda, eu não conhecia o Paraná. Existem estados que ainda não se abasileiraram, eles se pensam como uma entidade autônoma. Para mim foi uma grande surpresa. Eu não estudei, não sei se alguém estuda isso, mas me eu senti, assim, num outro país. Evidentemente, a tutela dessa universidade [é assunto importante], [pois] que é uma universidade dos Movimentos Agrários, certo? Essa Federal da Fronteira Sul é a universidade de todos os



movimentos agrários, contra a vontade do Haddad, diga-se de passagem. O Haddad fez tudo para não apoiar essa universidade, ele queria dar um Instituto só. A universidade foi arrancada do Haddad. Esse é um parêntese. Bom, eu dizia o seguinte: se nós não pusermos o pé no processo de escolha dos novos professores, todo esse movimento vai redundar numa nova universidade mais conservadora, das mais conservadoras. E foi exatamente o que aconteceu. Ou seja, a direção do MST simplesmente fez ouvidos moucos à minha peroração. O que me custou um afastamento, eles nunca mais me chamaram para nada, eu me tornei persona não grata. E hoje a Universidade Federal da Fronteira Sul é uma universidade dos conservadores. Se você for ver lá os temas de estudo, os das pós-graduações, é uma universidade do capital para o capital. Então, olha que interessante, neste momento, afora algumas escaramuças, que agora não vem ao caso. Enfim, olha que movimento interessante [e contraditório] do MST de incorporar-se de vez ao mercado, através da Bolsa de Valores. Então, eu gostaria que você abordasse, eu imagino que você esteja, evidentemente, atenta a esse processo. Eu gostaria que você abordasse essas questões.

Eu talvez não tenha tanta experiência quanto você, Paulo, para aprofundar mais esse cenário. Mas, de qualquer forma, o que eu vejo é que o Capital, ele se apropria. Desta sorte, aquilo que realmente lhe faz oposição, você pode ter certeza de que é uma questão de tempo até ser apropriado pelo Capital. Vemos isso em relação à questão do feminismo, comentado por Zuleica. Eu vou falar um pouco disso, talvez nós possamos estabelecer alguns links, aí, para pensar sobre isso que você falou.

Eu me lembro da Heleieth, quase perto da sua morte, ela falando que tinha abandonado o conceito de gênero. Ela não estava mais trabalhando com o conceito de gênero e sim com patriarcado. E uma das razões desse abandono, segundo ela, é que o capital se apropriou do gênero. Por exemplo, cotas para mulheres. Assim, vamos colocar as mulheres aqui para dar espaço às mulheres. Isso, muitas vezes, é feito de forma totalmente acrítica, você não tem uma crítica. Outro exemplo: vamos colocar o negro na Fundação Palmares. A gente viu o que ocorreu na gestão passada com a nomeação de um negro lá na Fundação Palmares. Quer dizer, é isso que a gente falou desde o começo. É isso, é você pensar nesses particularismos, no particular. Você não pensa no universal. E o particular e o universal, eles precisam ser pensados numa relação, porque senão você acaba não entendendo isso que você falou, do processo contraditório. Existe uma



relação de apropriação. Por exemplo, aqui agora, nós falamos que não tem mais o cortador manual de cana, o que você tem são máquinas. Mas, por outro lado, quem opera essas máquinas? São trabalhadores, certo? São operadores de máquinas.

Eu fiz uma pesquisa no começo deste ano. E aí, encontrei um grande número de mulheres operadoras dessas máquinas, e são máquinas gigantescas. Há uma ideologia que agora tudo mudou. O trabalho com as máquinas é um trabalho leve mudou, os tratores são cabinados, tudo é mais fácil. Não é coisa nenhuma! É um trabalho pesadíssimo! Há uma quantidade muito grande de mulheres operando essas máquinas, operando os tratores, dirigindo caminhões, carretas com 120 toneladas de cana para as usinas. Mulheres trabalhando no período noturno. No tocante à apropriação, encontrei um trator rosa, cor-de-rosa. Talvez, esse tenha sido um dos maiores achados de pesquisa que eu tive nos últimos tempos! É uma empresa, e aí não é nem do agronegócio. É uma empresa que produz tratores. É uma empresa fabricante de tratores, multinacional, e ela já produz o trator pintado de cor-de-rosa para mulher. É isso! Tem um efeito simbólico e é impressionante, impressionante. Eu até estou numa discussão bastante grande acerca deste tema com o pessoal do CLACSO. Eu faço parte de um grupo do CLACSO, com um pessoal da Argentina, do México, do Uruguai, inclusive da Espanha. Esse pessoal não consegue entender o que eu estou falando. E eu estou falando o quê? Eu estou falando que não é pura e simplesmente uma mudança nas relações de trabalho. Não é isso, não é só isso. Como o professor do México me disse: não, Maria, isso aí é industrialização da agricultura. E eu falei: é, mas não é só isso. É muito mais além disso. Quando eu fiz a entrevista com uma operadora, depois de muita insistência, notei que houve uma mudança no perfil das mulheres. São jovens com unhas pintadas, cabelos bem cuidados, enfim como as jovens urbanas. Uma delas frequentava academia de ginástica depois do trabalho. Passeia com o cachorro, tem carro. Tem carteira assinada, tem um plano de saúde e é operadora de trator.

Por que isso está acontecendo? O que significam essas mudanças? Por que, para o capital, pelo menos no meu entendimento, quanto menos conflito houver, melhor. Aquele sistema anterior era o sistema do conflito permanente. Eram greves e greves o tempo todo, greves e protestos. Trabalhador morrendo por exaustão, aquele horror. Agora não! É a paz. O campo paulista está em paz. Nas usinas, esse trabalho funciona 24 horas por dia. São três turnos de trabalho. Alguém fala disso? Ninguém fala. O que



significa esse trabalho? Paulo, Adilson e Zuleica, é um trabalho intensivo, impressionante. Vocês não podem imaginar o que significa operar essas máquinas, e ademais ter a tecnologia da informação guiando tudo. Eu perguntava para a trabalhadora: escuta, mas vocês não param? Vocês não param para tomar as refeições? “Ah não, a gente come ali mesmo”. E aí eu falei: e quando você está menstruada, como você faz? E quanto ao tempo que você precisa para ir fazer a higienização, ela falou: não, quando está descarregando lá, o transbordo. Porque ela é a tratorista, que leva a cana e despeja na carreta, “aí eu aproveito e me viro”. (Fala da trabalhadora)

As mudanças operaram mudanças no controle da subjetividade. Eu vou ficar falando em industrialização da agricultura? Bom, só isso não vai resolver. Você tem aí a emergência, a construção de uma nova ontologia do trabalhador rural. Ou entendemos isso, ou deixamos de entender. O que o capital faz é exatamente capturar. Olha, capturou a questão de gênero, capturou o feminismo. O que mais? Capturou a questão racial. Capturou, está tudo capturado. Eu vejo que, talvez, isso que você menciona, talvez também seja uma forma de captura. Por que para o capital, quanto menos conflito, melhor. As contradições, elas precisam ser controladas. É assim que vejo. Mas, eu não teria mais elementos para te dizer.

[PALF] Interessantíssimo! É a recriação de uma nova classe trabalhadora cooptada pelo capital. Identificada com o capital.

[Adilson] Esse era o objeto de estudo do Felipe , lembrando do nosso amigo, lá do Departamento de Administração de Araraquara. Esse era o objeto dele, a captura da subjetividade do trabalhador nesse processo pós-moderno que a gente vive..

Para completar. Os sindicatos, onde é que estão? Não estão! As reformas (Trabalhistas e da Previdência) minaram as forças dos sindicatos. E aí você tem a mão do Estado. O que significou a Reforma trabalhista? Como ficou a reforma da Previdência? Você tem a mão do Estado em tudo isso. O capital no neoliberalismo não existe sem o Estado. O Estado foi fundamental para que essas relações fossem solidificadas. Por exemplo, o que os trabalhadores me dizem? “Bom, se eu tenho um problema eu resolvo com a minha empresa. É o acordado sobre o legislado. Eu não preciso de sindicato.” A FERAESP foi minada enquanto representação coletiva de trabalhadores rurais.

[Zuleica] Nessa resposta a senhora tocou em pontos que são muito importantes para mim. Por mais que eu pesquise outra coisa, hoje em



dia, eu dedico muito tempo da minha vida discutindo essa questão das pautas que são cooptadas, e a que mais me pesa é essa questão do feminismo. Eu até mudei o meu discurso a esse respeito. Hoje em dia, eu não me vejo mais como feminista, eu sou femista mesmo, porque em tempos extremos a gente tem que saber em qual trincheira a gente luta. E aí, a senhora citou o final da vida da Saffioti, ela trabalhando com a ideia de patriarcado, e aí eu me lembrei da Silvia Federici, que também está nessa chave. Eu penso assim: nesses últimos trinta anos, tenham sido criadas legislações, tenham-se desenvolvido formas de proteção da vida da mulher, nós temos hoje em dia, sobretudo nesses últimos anos, a construção de uma ideologia de proteção, de garantia daquilo que o universo masculino tem. E aí essa coisa do patriarcado, de você entender que se não fosse essa estrutura patriarcal, a gente não teria esse modo de produção, a gente não estaria nesse momento do capital, a gente não estaria vivendo o neoliberalismo. E me parece, pelo que tenho pesquisado, que uma boa parte das mulheres entenderam isso. Então, esse é um momento em que as mulheres começaram a brigar de forma mais direta pelo reconhecimento de uma jornada, que... sei lá, tem quatro jornadas em uma só. E a gente está em um momento extremo. E nesses momentos extremos você tem a reação capital, do capitalismo. Que é a cooptação de tudo isso, é ter essa coisa do conflito controlado, porque o conflito controlado, ele também vende, ele também gera dinheiro. Tem essa coisa da *barbiezação* da vida. Tudo virou Barbie. Tem uma pitada de crueldade aí, que é você associar a ideia de empoderamento com a ideia de empreendedorismo, e com a ideia de resiliência, e com isso tudo você ter a ideia de mulher perfeita. Que é isso que você coloca, quando você tem a operadora, que ela é vaidosa, ela cuida dos cabelos, ela vai trabalhar, operar uma máquina pesada com as unhas feitas. Mas o inverso disso também é observado quando ela dizia: “eu não preciso disso, quando eu estou menstruada eu não preciso de cuidados especiais”. Por quê? Você trabalha com a ideia de que a mulher, a mulher perfeita, ela é empoderada, ela é forte, ela é resiliente, e ela não precisa de cuidados extras. Isso é torturante até! Como [é] que uma mulher dá conta disso? Você tem uma jornada extenuante de trabalho e diz: “ah, eu vou na academia porque eu me amo, eu me cuido, eu me valorizo, então, eu quero malhar!” Mas não é isso. É que você tem uma pressão social para que você atenda a um perfil específico de corpo, um perfil específico de personalidade, que é essa coisa da mulher boazinha. Então, as mulheres, elas entram nessa loucura de atender ao padrão do que é feminino para o homem. Você



está operando uma máquina, mas a unhas têm que estar feitas, tá? Você está operando uma máquina, mas depois da sua jornada estuante, você tem que ir para academia, porque você tem que ter um corpo e assim assado. E aí, eu gostaria de saber o que a senhora pensa a respeito dessa mudança, desse movimento de cooptação nesse nível, de você criar esse estereótipo de mulher empoderada, que dá conta de tudo?

Concordo plenamente com todo seu relato, e tem uma categoria aí, com a qual eu estou trabalhando, e estou assim com uma certa dificuldade, a respeito da categoria do cuidado. É a chamada economia do cuidado. É o cuidado! E aí uma crítica a Marx. Porque Marx não refletiu sobre a esfera da reprodução, seu enfoque recaiu sobre a esfera produtiva, sobre o trabalhador. O trabalho abstrato é o homem, não é a mulher³. Você mencionou inclusive Silvia Federici, ela faz uma crítica à Marx, e outras também fazem. Agora, precisa entender que essas críticas, elas são muitas vezes, infundadas. São infundadas, porque há muitos escritos de Marx que vão na contramão do que se falava a respeito. O cuidado é trabalho. Não é um “não trabalho”, mas é cuidado. Você cuida da criança, você cuida da pessoa, você sai daqui, vai lá para Europa, para os Estados Unidos, para cuidar das crianças, ou para cuidar das pessoas idosas e, assim por diante. Há um processo de internacionalização desse trabalho, que é o trabalho do cuidado.

O que eu mais encontrei nessas minhas entrevistas, foi o seguinte: eu perguntava aos líderes, eu perguntava aos outros trabalhadores... Nem vou falar “trabalhador”, porque eles não usam mais esse termo. Trabalhador rural é aquele que está lá embaixo, é aquele que planta a cana, aquele que está com a enxada, que está com o enxadão, aquele que distribui veneno. Esse é trabalhador rural. Eles não são trabalhadores rurais, eles são operadores e operadoras. Detalhe: a mudança na terminologia. Quanto mais eu perguntava: por que as mulheres? O que eles me respondiam era: porque a mulher cuida, as mulheres cuidam da máquina.

É aí que está a questão, elas cuidam da máquina. Porque quando você analisa o conceito de cuidado, está-se pensando numa relação intersubjetiva, cuidar de criança, cuidar de adulto, cuidar de pessoas com deficiência, cuidar de idoso e, assim por diante. Agora, cuidar de máquina? Não! Cuidar de

³ Ver a respeito: SCHOLZ, Roswitha. O valor é homem: teses sobre a socialização pelo valor e a relação entre os sexos. Novos Estudos. CEBRAP, São Paulo, n. 45, julho 1996, p. 15-36.



máquina, não. E ali, o que você tem é a máquina. Mas a máquina, ela se transforma no sujeito e o trabalhador em objeto. Estou trabalhando com a subjetivação do objeto, e a objetificação do sujeito. É esta a relação. Está tendo uma inversão. Porque, vejam bem, a máquina, uma máquina colheitadeira de cana custa hoje, por volta de mais de 2 milhões de reais. Um trator, esse trator com o qual essa operadora trabalha, custa em torno de 700 mil reais.

É tão perigoso o trabalho, porque o corte é feito com duas máquinas, a máquina que corta e o trator que recebe a cana. A distância entre essas duas máquinas gigantescoas é apenas de um metro e meio. Quando há declive, a máquina tomba, como eles falam, e o trator tem que tombar também, e, neste caso, a distância cai para apenas meio metro. Se elas colidirem, pegam fogo, nas duas imediatamente. Por causa do calor, por causa da palha, por causa do atrito e tudo mais. Vocês podem imaginar o que significa tudo isso. O que o eu ouvi dos homens era isso: máquinas nas mãos de mulheres não quebram. Elas não quebram a máquina. Quem quebra são os homens, elas não. Volta-se, mais uma vez, à questão da captura. É maravilhoso que essa questão do cuidado está sendo colocada como trabalho, porque antes era “não trabalho”. Que tem uma economia do cuidado, tudo isso é perfeito. Mas, agora vocês estão percebendo como há a questão da captura? Então, está ótimo! É isso, a mulher cuida.

Agora, veja bem, o que significa isso para o capital? Não significa nada, nada. Mais uma apropriação. Quer dizer, esse valor que a gente fala, em mais-valor, em mais-valia, não computa isso. A questão dessa trabalhadora, não é só no sentido ter carteira, não é só no sentido dela ter essa experiência laboral, porque ela precisa passar por uma qualificação. Não é só pegar a máquina e dirigir, certo? Não é só isso, tem que saber o que fazer ali e, sobretudo, fazer, tomar atitudes em caso de eventuais problemas que surjam.

[Adilson] Morais, só uma questão. Tem um intelectual, marxista, infelizmente agora não lembrei o nome dele, eu não consigo lembrar, mas é fácil saber quem é. Ele fez um livro chamado “A mais-valia ideológica”, eu não sei o nome dele agora, mas o livro é esse. E acho que só ele escreveu sobre isso. E ele vai falar justamente sobre essa questão que você está levantando, por exemplo: essa mulher, ela foi educada para cuidar do filho, cuidar do marido, cuidar do pai, cuidar dos velhos, ela já é educada para isso desde criancinha, o homem não. E aí o que o capital faz? Se apropria dessa ideologia, da mulher, dessa



educação que vira uma coisa ideológica e essa ideologia produz mais-valia, segundo esse cara. Porque se a máquina quebra, é prejuízo, não tem mais-valia. Essa é uma questão interna, é uma discussão marxista. Os mais assim “puristas” vão dizer: “não, só trabalho produz”. Mas, hoje em dia, como a coisa está bastante complexa, o capital virou uma coisa bastante complexa, é possível pensar sim, que essa pessoa, que o capital está se apropriando da mais-valia subjetiva dessa mulher.

Quando você consulta os sites de algumas empresas, lê-se: “Energia Feminina”. Contratam-se as operadoras para essas máquinas gigantescas, as operadoras de tratores, as caminhoneiras. Está tudo lá na internet. Energia Feminina⁴.

[PALF] Na Revolução Industrial preferia-se mulheres e crianças. Não é verdade? Lembram-se?

[Zuleica] E tem a questão do pagamento, também. Força de trabalho feminina é mais barata.

É, é mais barata. Há também os responsáveis pelo controle. Não são mais os feitores, mudou o nome. São os líderes. E eles afirmam o tempo todo sobre a docilidade das mulheres. As mulheres são dóceis, basta falar uma vez, não precisa ficar chamando a atenção. Os homens não, eles reclamam, eles fazem isso e aquilo. As mulheres, não. Elas são limpas.

A senhora entra na cabine de um trator, a senhora tem até medo de entrar de tão limpa que é a cabine de trator de uma mulher. É isso. São essas coisas, são essas minúcias, são esses detalhes, que fazem muito a diferença. Há o econômico, o imperialismo, o transnacionalismo, o agronegócio, enfim, tem a ciência a serviço do agronegócio. Isso que o Paulo falou é uma verdade. Quer dizer, olha o que nós temos aqui, a Agronomia, a Química, a Física, e a Biologia, sobretudo a Genética, tudo isso é força-tarefa para essa produção. Porque não é só produzir o açúcar, é produzir o etanol, a transição energética, etanol verde, etanol de segunda geração, e por aí vai. Entendeu?

Isso demanda pesquisa, demanda dinheiro, investimento da FAPESP, investimento da Shell, Raízen. Justamente porque Shell e Raízen são uma única empresa, são uma Join venture. A internacionalização do capital está aí presente. Penso que, enquanto pesquisador.a enquanto pesquisadores.as,

⁴ Um dos exemplos: <https://www.revistacanaieiros.com.br/usinas-tem-buscado-a-contratacao-de-mao-de-obra-feminina>



nós precisamos olhar para essas diferentes dimensões. Não é só para financeirização, eu não estou fazendo nenhuma crítica a essas análises, muito pelo contrário, elas são extremamente necessárias, mas, eu penso que não é apenas isso. A gente tem que ver o detalhe também. É isso mesmo que o Adilson falou. É uma grande verdade, é uma constatação. Com as mulheres, as máquinas não quebram, ou quebram muito menos. Veja bem, se uma máquina tem um problema significa que ela precisa parar. E eles sempre dizem o seguinte: a gente só para quando a máquina para. É ela quem dá o comando. A questão do tempo é totalmente regulada pela máquina e pela tecnologia de informação. Sem contar que tudo é regulado pelo sistema de computação, que está em algum lugar. No caso específico aqui dessa grande empresa que eu citei, está em Piracicaba.

Por exemplo, na cabine do trator há dois computadores. Um computador que é o computador de bordo, que mostra exatamente tudo que está acontecendo ali, se tem um problema, se um pneu furado, se o combustível termina e, assim por diante. Se está havendo uma recepção bastante controlada da cana. Porque a cana é cortada, depois ela vai para, como se fosse um cano grande, e é despejada na caçamba do trator, do transbordo. Há um ventilador para tirar a palha e, depois, o que vai ali para a caçamba do trator é apenas a cana. As duas máquinas, elas têm que caminhar muito paralelamente, de tal forma que, por exemplo, o trator não pode ser mais rápido, ou menos rápido, mas é justamente para receber essa cana e não ter desperdício. Se o trator precisa parar, a máquina também. E aquele caminhão que está lá na área, que é chamada de “área de vivência ou malhador”, ele também precisa esperar mais tempo. É um moto contínuo, é uma roda que tem que girar sem parar. Qualquer problema implica em fazer com que esse problema se estenda à operação como um todo. Por isso que é importante esse trabalho específico das mulheres. A questão do cuidado. Esse é um ponto.

|Zuleica| Eu estou lembrando da questão do cuidado que a senhora mencionou. Na semana retrasada, foi o primeiro dia de aplicação do Enem e o tema da redação do ENEM desse ano foi exatamente sobre essa questão do cuidado. Daí eu observei todo mundo comemorando, dizendo: que legal, trouxeram essa pauta, que é tão importante. Mas, eu não estou vendo isso como algo tão positivo assim. Porque, primeiro, quem elaborou essa prova foi a gestão do Bolsonaro, não é? Porque a prova é sempre feita no ano anterior e aí para alguém que é de ultradireita, uma equipe que, em tese, é de ultradireita, [vai] trazer



uma discussão dessa forma. O que eu entendo é que a tentativa foi de estabelecer mais um ponto de polarização. Eu dou aula para o terceiro ano do ensino médio, aula de matemática, mas [fiz] o curso de Ciências Sociais, então eu sempre faço questão de trazer a discussão para a questão social. Eu perguntei para os meus estudantes sobre o tema da redação, e aí foi unânime. Os meninos, todos eles ficaram revoltados com a discussão, parte das meninas também, porque o fato de você ser mulher não te torna feminista. Muito pelo contrário, a gente vê a reprodução da nossa estrutura, e tem mulheres que são muito mais machistas do que os próprios homens que estão defendendo um lugar específico. Eu achei legal ser pauta, ser tema da redação do ENEM, mas precisamos analisar com cuidado. Eu entendo que, nesse momento que a gente está vivendo, de grande polarização da sociedade, até a intenção por detrás de trazer uma pauta dessas como discussão, ela pode não ser a melhor. Porque, a gente entende dessa forma, que legal que estão discutindo, que bacana que estão entendendo cuidado como trabalho, porque essa é uma questão muito cara para mim. Mas, quando eu entendo que o governo anterior, que a gente sabe como foi, traz essa pauta para ser discutida, o que eu observei nos meus estudantes foi uma espécie de revolta com o fato dessa discussão ser cobrada como tema, como pauta de redação do Enem. E aí, me desculpa ser redundante a respeito de como a direita trata essas pautas, mas, acho que é muito importante a gente falar um pouquinho mais sobre isso, porque essa questão do cuidado, e como o Adilson trouxe, ela se transforma em maior lucratividade. Eu estou lecionando uma disciplina que é sobre georreferenciamento, que é um Itinerário Formativo. Eu estou falando sobre a utilização dos drones. Eu pedi para que os estudantes preparassem um seminário sobre a utilização dos drones, que revolucionaram essa área do georreferenciamento, e um dos grupos trouxe essa questão de quem controla os drones. Supreendentemente, as mulheres estão se tornando maioria. Eu os provoquei, né, porque, ao contrário do que se pensava lá atrás, a tecnologia ela não veio para fazer com que a gente trabalhe menos, ela veio para fazer com que a gente trabalhe mais. E a gente se torna refém da máquina, a gente está a serviço da máquina não a máquina a nosso serviço. E aí, essa coisa do cuidado ela traz lucro, ela aumenta a lucratividade, porque se quebra uma máquina, se quebra um trator são 2 milhões e 700 que vai ter que ser repostos. Enfim, eu gostaria de pedir para a professora falar um pouquinho mais a esse respeito.



Aí, é mais uma vez aquela questão da interseccionalidade. Porque quando você pensa na interseccionalidade você não está pensando só numa categoria, por exemplo: gênero; você está pensando na classe e na classe-etnia. Evidentemente, que o núcleo da intersecção, esse ponto da intersexualidade é bastante conflituoso e heterogêneo. Não vi nenhuma mulher negra operando essas máquinas. Quem opera essas máquinas são mulheres brancas. E as mulheres negras, eu as vi sim, distribuindo veneno.

[Adilson] É incrível que os negros desde a libertação dos escravos, tem um filme do Paulo Betti que mostra isso, alguém tinha que limpar o esgoto. Quem ia limpar? Os negros entravam no esgoto. Desde a libertação dos escravos os negros estão com as piores funções. Parece que já fica designado para eles. Quem é que vai limpar o chão? Uma negra, quem vai operar a máquina? Uma branca. Parece que já é uma coisa do nosso imaginário brasileiro, sabe? A escravidão ficou incrustada na gente..

É exatamente isso o que eu tenho falado, não se pode descartar os elementos históricos. É o que eu falei, inclusive, numa live na segunda-feira passada. num Seminário na Universidade de Múrcia, na Espanha. Eu falei que não se pode descartar a historicidade das relações sociais. O que acontece aqui tem sim a ver com um país que teve 400 anos de escravidão e a continuidade dessas relações em muitas e muitas situações.

Recentemente, participei de uma banca de tese de doutorado, cujo tema era o trabalho do cuidado no contexto do intercâmbio au pair. Os critérios de escolha eram: mulheres jovens, de uma idade X, saber falar inglês, e possuir, em alguns, casos nível superior de escolaridade. O trabalho era cuidar de crianças na casa de uma família holandesa. Havia também, neste caso, a exigência de saber andar de bicicleta para levar as crianças à escola, com horários bem definidos, em troca de residir na casa da família.

Observa-se que para aquelas famílias era muito mais barato a contratação de uma jovem estrangeira do que uma nacional. Na Europa há uma preferência muito grande pelas mulheres Filipinas, muito mais do que pelas brasileiras, exatamente por esse estereótipo, de que a mulher deste país é muito delicada. Mais uma vez, voltando aí nessa questão desses particularismos, às vezes, eles podem representar para nós uma armadilha. Eu penso que é nesse sentido que a gente precisa estar bastante atento. Quer dizer, tudo bem você ver como uma maravilha, o progresso, mas vamos ver o que há por trás de tudo isso.



No caso das mulheres operadoras de máquinas, a jornada é 5 por 1. Trabalha 5 dias e descansam 1. Isso significa que não há mais a sociabilidade de antes. Não somente com os colegas, mas também com a família. Logo, os domingos, feriados, datas de aniversário, festas religiosas não são mais considerados dias de descanso, salvo se coincidirem com a folga previamente estabelecida.

Se o meu trabalho for no dia de Natal, eu vou ter que trabalhar no dia de Natal. Porque se eu não trabalhar, isso vai representar um problema para mim e para o meu grupo. Porque é a frente de trabalho. A frente congrega entre 18 a 20 pessoas. A produtividade do dia é computada não individualmente, mas de toda a frente, portanto, coletiva. Se um operador cometer erros, quebrar a máquina por descuido, essa atitude será um prejuízo para si e para todo o grupo. Porque a produtividade é medida pelo grupo como um todo. Não precisa do feitor. Quer dizer, o computador da usina é quem vai fazer tudo isso, mediado pelo líder. Quando se vê na internet todos aqueles chamamentos para o trabalho das mulheres, com registro em carteira, trabalho formalizado, portanto, com seguridade social, plano de saúde, é o que está na superfície, está na capa, mas é preciso ver o que está ali dentro. Não vi nenhuma mulher com criança pequena exercendo esse trabalho. Porque são três turnos, divididos assim: das 7 da manhã às 3 horas da tarde, das 3 da tarde às 11 da noite, das 11 horas da noite às 7 da manhã.

Várias mulheres entrevistadas me disseram que o último era destinado somente aos homens. Mas, as mulheres trabalham também até às 11 da noite. Que horas elas chegam em casa? No mínimo uma hora para chegar em casa, porque elas moram na cidade, vão chegar meia-noite. Elas têm um tempo para dormir, que é curto. E, muitas vezes, esse tempo do sono não coincide com aquele tempo que existe na casa. Ela precisa dormir um pouco mais tarde, no entanto, ela não tem condições, porque é o horário que as pessoas estão trabalhando, fazendo comida, levando crianças para escola, o cotidiano. Isso provoca, evidentemente, uma sobrecarga, que é uma sobrecarga emocional. E para aqueles que trabalham à noite é pior ainda. O desgaste emocional, psíquico é muito grande. Porque trabalhar das 11 da noite, às 7 da manhã e ter que dormir durante o dia, muitas vezes eles, não conseguem, porque a vida na casa acontece durante o dia e não à noite. Isso traz muitos problemas à saúde, não só ao metabolismo biológico, como também ha sobrecarga psíquica para essas pessoas.



[Zuleica] Se chama *au pair*. São programas de *au pair*.

Exatamente. É isso aí, é *au pair*. A tese era exatamente sobre isso. Aí, vai até lá, e depois você tem um trabalho, que é o trabalho de cuidar da criança, de levar para escola etc. O horário, tudo definido, certo?

Bom, e aí fazendo as contas observa-se que, para aquelas famílias é muito mais barato isso do que contratar uma pessoa lá, por exemplo, para exercer essa função. Então, eu vi o caso dessa tese que eu analisei, desse *au pair*, ela foi para Holanda, e aí uma das exigências era saber andar de bicicleta. Tinha que levar a criança para a escola de bicicleta, olha o detalhe. Quer dizer, tinha que ser jovem, tinha que, é claro, passar por todo um crivo de análise de psicólogo, e tudo isso. E um detalhe, era saber andar de bicicleta, e levar as crianças para a escola e trazer etc. e tal.

A autora da tese, ela entrevistou alguns casais e a resposta [sempre] foi essa aí: olha a gente faz isso porque fica mais barato, fica mais barato do [que] se a gente tiver que contratar uma pessoa daqui para fazer isso.

Também a escolha dos países. Quer dizer, eles têm lá na Europa uma preferência muito grande pelas mulheres Filipinas, muito mais do que pelas brasileiras. E também pelas Filipinas, exatamente por esse estereótipo, de que a mulher é muito delicada, a mulher das Filipinas.

Então, eu tenho a impressão, mais uma vez voltando aí nessa questão desses particularismos, às vezes, eles podem representar para nós uma armadilha. Então, eu acho que é nesse sentido que a gente precisa estar bastante atento. Quer dizer, tudo bem você ver como uma maravilha, o progresso, mas vamos ver o que há por trás de tudo isso.

Várias mulheres, pelo menos nessa empresa que eu entrevistei as pessoas, o último turno diz respeito somente aos homens. Mas, veja bem, as mulheres trabalham também até às 11 da noite. [A] que horas que elas chegam em casa? No mínimo uma hora para chegar em casa, porque elas moram na cidade, vão chegar [á] meia-noite. No outro dia, então, elas têm um tempo para dormir, que é curto. E muitas vezes, esse tempo do sono não coincide com aquele tempo que existe na casa. Então, por exemplo, ela precisa dormir um pouco mais tarde [e] ela não tem condições, porque é o horário [em] que as pessoas estão trabalhando, fazendo comida, levando crianças para escola, essa coisa toda.

Isso provoca, evidentemente, uma sobrecarga, que é uma sobrecarga emocional. E para aqueles que trabalham à noite, é pior ainda. Então, o desgaste emocional, psíquico, é muito grande. Porque trabalhar das 11 da



noite às 7 da manhã e ter que dormir durante o dia, muitas vezes eles não conseguem, porque a vida na casa acontece durante o dia e não à noite. Então, isso traz muitos problemas à saúde, não só ao metabolismo biológico, como também a sobrecarga psíquica para essas pessoas.

[Zuleica] Professora, nessa empresa específica os funcionários, os trabalhadores, eles são selecionados pela própria empresa ou tem uma empresa de seleção?

198

Em geral, eles são selecionados pelos líderes. Principalmente no caso das mulheres, porque depois esses líderes vão ficar um período com elas, justamente, fazendo todo o trabalho de capacitação. Seria o trabalho prático. Eles acompanham essas mulheres nos tratores, nas colheitadeiras, exatamente para que elas possam ter os conhecimentos necessários para poder operar as máquinas.

[Zuleica] Eu fiquei curiosa sobre o critério de seleção, porque a gente sabe que quando você tem a oferta da vaga, não está escrito lá de forma direta, normalmente. Porém, em algumas empresas de recrutamento já é descarado, você tem lá na descrição da vaga “preferencialmente sem filho”. Porque isso, realmente, é complicado para a mulher. Como é que uma mulher com filho pequenininho de um, dois, três anos pode levar essa jornada de trabalho desse jeito? Mas tem! A gente sabe que tem. E aí fica essa questão do adoecimento. Eu fiquei curiosa para saber quais são os critérios especificados para as vagas.

Uma das trabalhadoras que eu entrevistei, me disse que havia na empresa uma moça, com 22 anos, que tinha duas crianças pequenas, mas após dois meses de trabalho, ela pediu demissão, porque ela não deu conta de levar à frente, a condição de mãe de duas crianças pequenas e a condição de operadora de máquina. Uma outra já estava com os filhos grandes, e a outra era solteira.

[Zuleica] Praticamente, inviabiliza o trabalho de mulheres que é mãe, que tem filho.

Exato. Por isso que nesse critério seletivo, todos esses outros elementos entram.



|Adilson| Ficam abandonados, não é? Com as vizinhas, com as tias, com os amigos.

Com as avós. Nós já temos várias pesquisas sobre o papel das avós que cuidam dessas crianças.

|Adilson| Vamos deixar um espaço agora para [uma] espécie de considerações finais. Algo que você gostaria de acrescentar.

Eu gostei muito das perguntas e considero que foi um debate muito rico. Vocês, praticamente, não fizeram questões. Vocês colocaram questões importantes, realmente, para serem pensadas nesse momento.

O que eu gostaria de dizer é a respeito do momento atual mesmo. O que significa estar numa universidade, trabalhar numa universidade. Eu continuo trabalhando no curso de pós-graduação, e eu tenho observado, com o passar dos anos, uma mudança muito grande por parte dos jovens. De modo geral, eu sinto que eles estão meio apáticos diante desse mundo social, esse mundo político que nós vivenciamos. Isso, às vezes, me dá uma certa angústia. Qual seria, realmente, o nosso papel enquanto Socióloga/o? Eu vejo a Sociologia como uma disciplina, como uma ciência que me ajuda a transformar esse momento. Eu sempre falo isso aos meus alunos. Eu não penso somente na transmissão de conteúdos. Isso é extremamente importante para a formação dos alunos, mas não é só. Eu vejo a necessidade assim de se pensar a teoria, visitar a teoria com bastante frequência e, ao mesmo tempo, pensar nesse projeto de transformação social. A práxis, enfim, como lidar, como transmitir isso às novas gerações, que estão chegando? Isso tem me deixado, muitas vezes, bastante angustiada. Porque a impressão que me dá é que o que você tem atualmente uma espécie de apatia por parte dos jovens. Eles estão muito mais preocupados com o celular, com o que está acontecendo lá, o mundo social parece que não lhes diz muito respeito.

Para acrescentar. Eu perguntei para uma das entrevistadas como era para ela operar esse trator? E ela foi longe no relato. Eu perguntei assim, como é que as outras pessoas te veem, como operadora do trator? Aí ela falou: olha, vou só dizer uma coisa. Um dia eu fui comprar um sapato numa loja e, depois, na hora de fazer o cadastro a moça me perguntou: profissão? Aí eu falei: operadora de trator. Aí a moça disse assim: Nossa! Você? Por acaso você é a operadora do trator? E eu falei: Eu sou a operadora do trator. E o que aconteceu? Ela chamou todas as funcionárias da loja para tirar uma selfie com ela.



|Adilson| Que legal! Ela virou a *popstar* da cidade. Afinal aquilo ali é um dinossauro. Como que a pessoa opera um dinossauro?

E aí, Adilson, ela falou: Isso para mim é uma conquista. E você não pode dizer que não é. Não adianta. E aí, é uma questão nossa, dos intelectuais, com os nossos conceitos, nossos paradigmas, as nossas formas de pensar, e dizer isso aí é...

|Adilson| É alienação.

É alienação, e ponto final. Não! Isso é muito importante. Considero que qualquer projeto nosso, projeto político, tem que ouvir as pessoas. A gente, talvez tenha que falar menos e escutar mais. Acredito que esse é o segredo. É o escutar mais, saber o que essas pessoas pensam e como elas agem. Quando eu falei sobre isso num seminário no Uruguai, um professor disse; isso é alienação. Acredito que não seja somente isso.

|Adilson| É a vida da pessoa, não é?

É a vida da pessoa. Você não pode dizer que não é uma conquista. É uma conquista. Imagina, todo mundo querer tirar uma selfie com ela, por causa da condição de trabalhadora. Se eu vou lá e falar que sou professora da universidade ninguém vai tirar selfie comigo, mas com ela, foi diferente. E ela ficou muito feliz com isso.

|Zuleica| Então, tem a questão de ser um consumidor melhor, e por consequência lógica, nesse momento que vivemos, ser um cidadão melhor...

O que fazer diante de uma realidade como essa? O processo educativo tem que ser muito, muito mais amplo do que simples transmissão de conteúdo. Porque você tem que entender que ser social o capitalismo produziu. Que ser social? Um ser social problemático, que está muito mais preocupado com o que está acontecendo ali nos vídeos de celular. Eu vejo que o celular teve uma importância muito grande em tudo isso. A própria posição do corpo quando uma pessoa usa o celular é olhar para baixo e não para os lados ou para frente. Não se vê o mundo ao redor. Por exemplo, as crianças dentro dos carros, elas olham para o celular. Num restaurante, as crianças não estão ali correndo de um lado para o outro. Elas estão todas com o tablet. Até bebês, na cadeirinha. É assim que funciona.



Analiso essa apatia como um processo. É um desdobramento da construção desse ser social que nós temos agora. Nós não temos um ser social questionador, as pessoas não estão questionando mais, como antes. Acredito que o nosso trabalho enquanto professor, enquanto trabalho pedagógico, tem que ir além do conteúdo, sobretudo. E é um desafio permanente. |FIM|

São Carlos-SP, 18 de novembro de 2023.

